



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços
N.º 6 - 2001

Dia da Família

Dizia o Papa João XXIII: "Também eu pertença à grande família carmelita porque sobre o meu peito levo o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo". Efectivamente, no dia em que nos foi imposto o Escapulário, ouvimos estas palavras pronunciadas pelo ministro: "Recebe este Escapulário, por meio do qual és admitido na família carmelita". São, portanto, milhões os cristãos que nestes dias se reúnem à volta da Mãe para cantar não só as maravilhas que o Senhor nela realizou, mas também aquelas que em nós vai realizando por seu intermédio. Dentro desta família há alguns membros que, por compromissos assumidos, estão mais próximos da Mãe.

Há vínculos não só espirituais mas também jurídicos que nos unem. Por isso mesmo formamos uma só Ordem com um mesmo carisma. Refiro-me concretamente às nossas Irmãs Carmelitas Descalças, aos Padres e àqueles leigos que no mundo vivem a mesma espiritualidade vinculados a esta mesma Ordem. Embora cada uma destas três entidades tenha a sua legislação e autonomia esta nunca é absoluta. Temos um mesmo superior que nos une. Como a relação entre os Padres e as Irmãs vem desde Santa Teresa, os laços familiares sentem-se, coisa que ainda não acontece com a Ordem Secular.

É meu empenho, como assistente nacional da Ordem Secular, nomeado pelo Conselho Provincial, criar laços de amizade e de família entre a Ordem Secular e os demais membros da Ordem. Na medida do possível procuro visitar as fraternidades. Além disso, aconselho que seja comunicado ao Padre Provincial e ao assistente nacional o tempo das Promessas definitivas. As datas devem ser fixadas de acordo com o Padre Provincial. Ele é o superior da Ordem em Portugal e como tal pode querer presidir o que seria muito bom.

Este ano em que celebramos os 750 anos da entrega do Escapulário é bom que vivamos com mais intensidade este dom que Deus concedeu à sua Igreja e nos revistamos cada vez de Cristo e a sua vida se manifeste na nossa. Por este santo "hábito" que trazemos fomos "admitidos na família carmelita dedicada à imitação e ao serviço da Virgem Mãe de Deus". É para nós uma honra, uma graça e ao mesmo tempo um compromisso. O nosso comportamento cristão deve estar "tecido de oração e de vida interior, mediante a prática frequente dos Sacramentos e o exercício concreto das obras de misericórdia espiritual e corporal" (João Paulo II).

O Santo Padre, na Carta dirigida ao Carmelo pela ocasião dos 750 anos do Escapulário, faz-nos uma confidência: "Também eu levo no meu coração, desde há muito tempo, o Escapulário do Carmo! Pelo amor que nutro pela Mãe celeste de todos nós, cuja protecção experimento continuamente...". Esta é a confidência: leva o Escapulário no coração e experimenta continuamente a protecção da Mãe.

E o Papa manifesta um desejo: "Que este ano mariano ajude todos os religiosos e religiosas do Carmelo e piedosos fiéis que a [a Mãe celeste] veneram filialmente, a crescer no seu amor e a irradiar no mundo a presença desta Mulher do silêncio e da oração, invocada como a Mãe da esperança e da graça"

Que Nossa Senhora do Carmo a todos os carmelitas cubra com o seu manto maternal.

P. Jeremias Carlos Vechina

S. João da Cruz e Maria

Depois de uma etapa de certo abandono na teologia pós-conciliar, a redescoberta de Maria recorda a necessidade de a Ela voltarmos a partir do Evangelho, a tradição, a experiência dos místicos e a religiosidade popular.

Os santos do Carmelo viveram profundamente a presença de Maria no mistério de Deus, na sua relação íntima com Cristo, com o Espírito Santo, com a Igreja e com as pessoas de oração.

Os três doutores da Igreja e do Carmelo teresiano são um exemplo muito actual da presença de Maria na sua vida, na sua experiência mística e na sua doutrina. Nenhum deles apresentou uma mariologia sistematizada; simplesmente expuseram a sua experiência de Maria no processo da santificação. Do qual se deduz que a presença de Maria é necessária no caminho para o encontro vivo e santo com Cristo.

S. João da Cruz tem, desde a sua infância, uma relação muito profunda e entranhável com Nossa Senhora. Isto sabemos não tanto pela sua doutrina mariológica, quanto pela sua vida, a sua experiência e a sua doutrina espiritual.

Nos seus grandes poemas não existe nenhuma menção explícita de Maria; aparece sim nos *Romances* da Encarnação e do Nascimento, e na famosa letra natalícia. Nos *Avisos*, somente na “Oração da alma enamorada”, faz alusão a Maria. Nas suas *Cartas* uma única vez fala de Nossa Senhora. Se nos grandes poemas não fala de Maria, fala sim nos seus comentários.

– *Subida do Monte Carmelo*: 3,2, 10;3,36,1;3,36,2.

– *Cântico espiritual*: CA 2, 8; CB 2, 8; CA 29, 7; CB

– *Chama de amor viva*: ChA 3, 12; ChB 3, 12.

Na sua vida, a presença de Maria foi constante e vivida com intensidade e alegria. Na sua infância, na sua juventude, na sua vocação à vida consagrada, no seu sacerdócio, na sua decisão de continuar na Ordem do Carmo, nas suas responsabilidades religiosas de homem de governo, nas provações que teve que passar entre os seus irmãos calçados e não só, e por último, no seu leito de morte, Nossa Senhora sempre esteve muito presente. Num Sábado da oitava da Imaculada Conceição ele vai para o Céu cantar Matinas com a Virgem Maria. Eram as doze da noite do dia 14 de Dezembro do ano de 1591.

Encarcerado pelos seus irmãos de hábito, sente-se liberto pela intercessão da poderosa e gloriosa Virgem Maria numa noite do mês de Agosto de 1578.

Uma das características do Carmelo teresiano, que Santa Teresa iniciou e muito inculcou, foi o sentido festivo da vida. S. João da Cruz bebeu este mesmo espírito. Ele celebrava com enorme alegria e devoção as festas da Virgem Nossa Senhora, particularmente as festas do Natal e da Purificação. Nos *Romances* da Encarnação e do Nascimento está bem claro o seu amor a Maria.

A sua morte esteve rodeada, em todo o momento, da recordação e da presença de Maria. Na manhã do dia 14 de Dezembro, estando já a ponto de morrer, João pediu uma esmola ao Prior da Comunidade dos Padres Carmelitas de Úbeda: “o hábito da Virgem” para ser enterrado. Muito estava a sofrer o santo a incompreensão de alguns dos seus irmãos de hábito. Até o hábito dos seus amores, e de toda a sua vida religiosa, teve que pedir como esmola para com ele morrer. E, ao ouvir que os sinos do convento tocavam para Matinas, disse Frei João da Cruz: “*Eu também, pela bondade do Senhor, as tenho que dizer com a Virgem Nossa Senhora no céu*”. E dito isto, o santo entregou o seu espírito a Deus.

Para conhecer a sua devoção a Nossa Senhora, a sua alma profundamente mariana temos que recorrer às testemunhas dos seus Processos de beatificação e canonização. Como o espaço de que dispomos é reduzido, menciono somente Martinho da Assunção, companheiro do Santo em muitas viagens, e que acompanhou Frei João na vida conventual ao longo de muitas temporadas. “*Era tão devoto de Nossa Senhora, que todos os dias rezava o Ofício de Nossa Senhora de joelhos ... e quando ia de viagem toas as suas 'práticas' e conversas era tratar do Santíssimo Sacramento e da Virgem Santíssima, e cantar hinos a Nossa Senhora*”.

Infância espiritual mariana

Teresa do Menino Jesus viveu intensamente o mistério da maternidade espiritual de Maria, sentindo-se como criança diante dela. Ela de criança, ao entrar nas Filhas de Maria, consagrou-se dum modo especial como filha à Santíssima Virgem, e foi neste momento que recebeu a graça da sua vocação ao Carmelo. Escreve ela à Madre São Plácido: “Não posso duvidar de que a graça insigne da minha vocação religiosa não tenha germinado nesse feliz dia em que rodeada pelas minhas boas Mestras fiz a Maria a consagração de mim mesma aos pés do seu altar, escolhendo-a especialmente para minha Mãe, depois de naquela mesma manhã, ter recebido Jesus pela primeira vez ... Quis ela tornar-me ainda mais perfeitamente sua filha concedendo-me a grande graça de me trazer ao Carmelo” (Ct 70).



Sente-se feliz de ter A Virgem como sua Mãe: “É certo que nenhuma vida humana está isenta de pecados, só a Virgem Imaculada se apresenta absolutamente pura diante da Majestade de Divina. Que alegria pensarmos que esta Virgem é nossa Mãe! Se ela nos ama e conhece a nossa fraqueza, que temos a reccar” (Ct 226).

A confiança filial leva-a ao abandono duma criança na solicitude e poder da mãe. O comportamento de Santa Teresa do Menino Jesus com a Virgem era a de orar, e depois, “deixá-la fazer sem insistir e não preocupar-se mais”. “Pedir uma coisa à Santíssima Virgem não é a mesma coisa [que pedi-la a Deus]. Ela sabe muito bem o que há-de fazer dos meus desejos, se deve dizê-los ou não ... enfim, é a ela que cabe julgar para não forçar Deus a ouvir-me, para o deixar fazer em tudo a sua vontade” (UC 4 de Junho).

Esta atitude de infância espiritual é habitual nela. É uma vida familiar a que estabelece na sua alma com a Santíssima Virgem, que a ajuda a conduzir-se espiritualmente com serenidade e alegria.

A esse comportamento de infância espiritual a respeito de Maria responde o seguinte pensamento que confia a Celina e que repete noutros lugares: “A propósito da Santíssima Virgem tenho de te confiar uma das minhas simplicidades com ela, às vezes surpreendo-me a dizer-lhe: «Mas minha boa Santíssima Virgem, eu acho que sou mais feliz do que vós, porque tenho-vos por Mãe, e vós, não tendes uma Santíssima Virgem para amar... É verdade que sois a Mãe de Jesus mas esse Jesus vós deste-l’O todo inteiro a nós ... e Ele na Cruz deu-vos a nós por Mãe. Somos

assim mais ricos do que vós visto que possuímos Jesus e que vós sois nossa também. Outrora na vossa humildade desejáveis ser um dia a humilde serva da ditosa Virgem que tivesse a honra de ser a Mãe de Deus, e eis que eu, pobre criaturinha, sou não a vossa serva, mas a vossa filha, vós sois a Mãe de Deus e sois a minha Mãe». Certamente a Santíssima Virgem deve rir-se da minha ingenuidade mas o que eu lhe digo é bem verdade!” (Ct 137).

No seu último autógrafo, que vai dedicado à Virgem, com data de 8 de Setembro de 1898, e no verso duma estampa da Virgem das Vitórias deixará gravado este pensamento: “Ó, Maria, se eu fosse a Rainha do céu e vós fosseis Teresa, quisera ser Teresa a fim de que vós fosseis a Rainha do céu”.

Coisa curiosa e significativa. O seu último autógrafo, bem como a sua primeira e última poesia, foi dedicado à Santíssima Virgem.

Isabel da Trindade e Maria

Em Isabel da Trindade a vida mariana toma também um cariz muito pessoal, de acordo com as suas características espirituais, dentro da linha fundamental do Carmelo.

A sua devoção à Santíssima Virgem era profunda, tanto na sua meninice como na sua juventude. Antes de entrar no Carmelo de Dijón e do consentimento da sua mãe, escrevia no seu diário as seguintes frases que indicam o grau de união com Maria:

“2 de Fevereiro: Purificação. – Em cada festa de Maria renovo a minha consagração a esta boa Mãe. Hoje, portanto, confiei-me a Ela, e novamente me atirei para os seus braços com a mais completa confiança. Encomendei-lhe o meu futuro, a minha vocação”.

No Carmelo a Irmã Isabel é a contemplativa que se concentra no seu interior para descobrir aí a vida de Deus, a Trindade Santíssima. A sua espiritualidade vai tomando no dia a dia umas características mais definidas. A sua alma, como habitação da Trindade, é o remanso da sua vida, o tesouro escondido que ela encontrou. A partir daqui ela verá tudo nessa perspectiva de vida interior e trinitária.

Por conseguinte, na sua vida mariana, ela sente inclinação para os mistérios de Maria que manifestam essa união com Deus no interior, no fundo do espírito. O seu mistério mariano preferido será a Encarnação. A sua Virgem central é essa, a Virgem da Encarnação, como o viram os seus comentaristas.

“Parece-me que a atitude da Virgem, durante os meses quem decorreram entre a Anunciação e o Natal, é o modelo das almas interiores, dos seres que Deus escolheu para viverem dentro, no fundo do abismo sem fundo. Com esta paz, em que recolhimento, Maria se entregava e se prestava a todas as coisas! Como é que mesmo as mais banais eram por ela divinizadas! Porque, em tudo, a Virgem permanecia a adoradora do dom de Deus!”.

E numa carta escrita em 1905 expressava-se nestes termos:

“Na solidão da minha cela, chamo-a meu *pequeno paraíso* porque está cheia daquele que é a vida do céu, contemplarei frequentemente a sua preciosa imagem [de Nossa Senhora] e unir-me-ei à alma da Virgem nesse momento em que o Pai a cobre com a sua sombra, o Verbo nela se encarne o Espírito Santo desce para realizar o grande mistério. Toda a Santíssima Trindade entra em acção dando-se e entregando-se. A vida duma Carmelita tem que realizar-se sob estas vínculos divinos”.

E à sua querida irmã escreve:

“Pensa no que passaria na alma da Virgem quando, depois da Encarnação, possuía n’Ela o Verbo encarnado, o Dom de Deus. Em que silêncio, em que adoração e recolhimento se submergiria dentro da sua alma para estreitar carinhosamente a aquele Deus de quem era sua Mãe”.

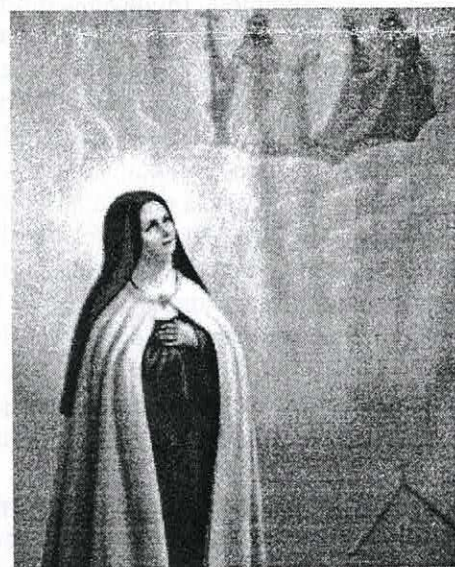
Ideal perfeitíssimo

Através dessa vida interior e da contemplação da Virgem no mistério íntimo da alma, a Irmã Isabel vai adquirindo uns conhecimentos altíssimos e maravilhosos da Mãe de Deus, que no seu olhar e expressão adquirem uma forma nova e como primaveril, de cor e perfume:

“Há uma criatura que conheceu esse dom de Deus, uma criatura que não perdeu sequer uma parcela dele, uma criatura que foi tão pura, tão luminosa, que parece ser a própria Luz: “*Speculum justitiae*”. Uma criatura cuja vida foi tão simples, tão perdida em Deus, que quase nada se pode dizer dela.

“*Virgo fidelis*”. É a Virgem fiel, aquela que guardava todas as coisas

no, seu coração. Mantinha-se tão pequena, tão recolhida em face de Deus, segredo do templo, que atraía as complacências Santíssima Trindade: “Por que Ele olhou para humildade da sua serva, doravante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada! ...”. O Pai, inclinando-se para esta criatura tão bela, tão ignorante da sua beleza, quis que fosse a Mãe, no tempo, d’Aquele de quem Ele é o Pai, na eternidade. Então, Espírito de Amor, que preside a todas as operações de Deus, sobreveio-lhe; e a Virgem diz o seu *fiat*: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a palavra”, e assim se realizou o maior dos mistérios. E, pela descida do Verbo nela, Maria ficou para sempre cativa de Deus”.



Cativa de Deus! Para sempre! Neste ponto fixa-se especialmente S. João da Cruz, quando trata de como as almas perfeitas são movidas em tudo pela moção do Espírito Santo, de modo que as suas acções podem chamar-se divinas. E o Santo aplica o princípio à Santíssima Virgem.

O ideal que resume toda a vida da Irmã Isabel da Trindade é ser Louvor de glória para Deus na sua Trindade augusta. Pois bem, Isabel vê em Maria esse ideal perfeitíssimo. São sublimes e belíssimas as páginas marianas que escreveu nos seus últimos Exercícios espirituais.

Ecos das Fraternidades da OCDS

Fraternidade de S. João da Cruz – Paços de Ferreira –

Louvo e agradeço ao Senhor por mais uma assembleia da Ordem Secular do Carmelo teresiano. Tudo o que se passou não seria possível, não só pela sua graça, mas também pelo esforço e empenho dos Irmãos de Lisboa que tudo fazem para que toda a Ordem Secular se sinta cada vez mais unida ... e viva ... É de louvar o empenho de alguns membros ... e dum jeito muito carinhoso, o P. Jeremias, que faz o possível por contactar todas as fraternidades ... A presença do P. Brito, dentro de toda a assembleia, foi deveras muito terna, transmissiva, assim um gesto de um empenho de comunhão ...

Foi também muito positivo, a presença do nosso Padre Provincial, P. Pedro Ferreira. O nosso bem haja!

Falou-se que ainda havia muita “distância”, de uns para com os outros ... eu também confirmo esta realidade infeliz, mas a causa disso é de todos nós, e de cada um em particular ... Nada de acusar ninguém individualmente, mas há culpa comum ... eu me penitencio ...

Nenhuma fraternidade pode viver isolada. O isolamento não é mandamento de amor ... No entanto o que verifiquei, é que há fraternidades, que parecem viver “felizes” um pouco ao sabor dos seus próprios critérios ... Isso a meu ver é um factor para o distanciamento...

Falou-se nas actividades das fraternidades ... É verdade que tenho falhado em não enviar as nossas actividades, no entanto, nunca é tarde para corrigir o que não anda tão bem. Assim sendo passo a transmitir o que fizemos até hoje e o que pretende fazer a nossa fraternidade até ao fim do ano.

– Tem sido habitual escolher o mês de Março e o dia 25, para a renovação das promessas, e se não houver nada em contrário, continuaremos a fazê-lo, ... e assim se realizou nesse mesmo mês, tal como enviei e testemunhei para o secretariado.

– Agora e depois da nossa assembleia anual do Carmelo Secular, vamos ter no mês de Junho, entre os dias 14 a 17, o retiro anual, no Marco de Canaveses (Aveissadas).

– A fraternidade “Chama viva de amor”, tem um voluntariado; todas as semanas – todas as sextas-feiras –, vai um grupo de quatro ou cinco pessoas para a obra “Calvário”, tratar daqueles doentes (dar-lhes banho, curá-los e limpar o pavilhão que está a nosso cargo).

– Todos os elementos da fraternidade estão inseridos “fortemente” na acção apostólica da paróquia, muito particularmente na catequese.

Agora, é também com muita alegria que anunciamos: as irmãs Carmelitas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria – Porto, vão passar solenemente, no dia 16 de Julho, com a Eucaristia solene, presidida pelo Senhor Bispo D. Armindo, para as instalações provisórias, (hospedaria), até o Mosteiro estar concluído, na nossa freguesia de Carvalhosa, e no lugar de Bande. Junto envio o nosso ficheiro actualizado. Abraça-vos a todos na comunhão trinitária.

Maria Otilia

Fraternidade de S. João da Cruz – Aveiro –

O próximo dia 15 de Julho deste ano em curso irá ser um dia grande para toda a Ordem Secular, porque além de festejarmos e celebrarmos, embora de forma antecipada o dia dedicado a Nossa Senhora do Carmo, também iremos ter Admissões, Primeiras Promessas e Promessas Definitivas. Será certamente um dia muito significativo para todos nós que constituímos esta Fraternidade “Subida ao Monte com S. João da Cruz” de Aveiro.

Esta cerimónia irá decorrer durante a Eucaristia das 18H 30M de Domingo.

Todos nós desejamos as vossas orações para que não só consigamos vencer as dificuldades mas também para nos sentirmos mais irmanados.

Fazem a Admissão: Alice do Rosário Alves Martins Leonor de Jesus Domingues

Fazem a 1ª Promessa: Fernanda da Silva Oliveira Lobo, Maria Alcinda Neves, Maria do Carmo Ravara Trindade de Oliveira

Fazem a Promessa Definitiva: António Manuel Machado Antunes, Manuel da Silva Catarino, Rosa Sameiro Costa Fernandes, Teresa Maria Duarte Morais

Retiro anual

A Fraternidade Secular “Subida ao Monte com S. João da Cruz” - Aveiro, vai levar a efeito o seu retiro anual na Casa Diocesana da Nossa Senhora do Socorro, em Albergaria a Velha, nos dias 20 e 21 de Outubro deste ano em curso e com o qual daremos início ao novo ano litúrgico

É um retiro que pretendemos para nós, com um sentido único de fortalecer os laços de amizade e união na oração.

A nossa principal preocupação é fortalecermo-nos primeiro para depois nos voltarmos para os irmãos. É dentro deste princípio que ainda no decorrer deste ano procuraremos tomar iniciativas que levem à criação de mais uma fraternidade ou grupo que se pretenda iniciar nos conceitos religiosos e carmelitanos.

Manuel Catarino

OS CARMELITAS SECULARES...

É sempre gratificante para mim participar nos Encontros Nacionais do Carmelo Secular, ou de qualquer outro evento que tenha subjacente os carmelitas. Foi através do Carmo que me tornei adulto e consciente e conhecedor de Santa Teresa de Ávila e de S. João da Cruz. São duas personalidades que apesar de nos terem deixado fisicamente há muito tempo, não deixam de ser actuais e com grande poder interventivo e espiritual.

Mas este VIII Encontro Nacional, realizado mais uma vez em Fátima, teve para mim sabor: a pouco e provavelmente para muitos de vós sucedeu o mesmo. Por isso entendi por escrever este pequeno texto, não porque tenha pretensões a ser escritor mas sobretudo porque desejo ardentemente sentir que os Carmelitas Seculares possam vir a ter outro posicionamento na Igreja contemporânea, aspecto que acho cada vez mais necessário!

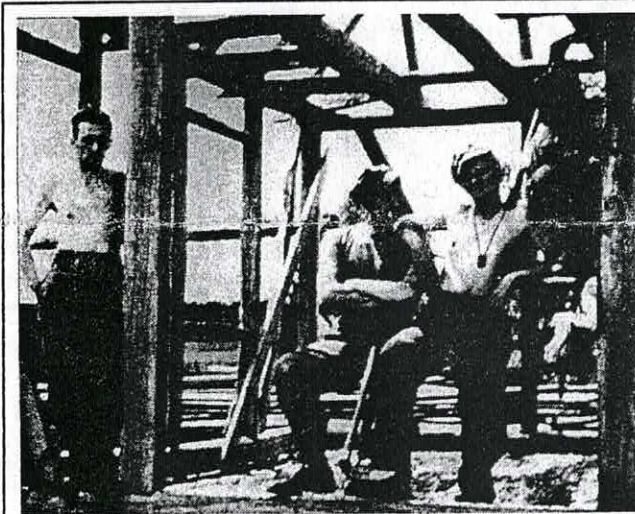
Em 1999, quando realizámos o VI Encontro Nacional, por essa altura muitos de nós entendíamos a neces-

O mundo actual passa efectivamente por grandes turbulências ideológicas e por perdas de valores que outrora eram sagrados para todas as famílias.

Mas não é minha pretensão fazer qualquer análise ao mundo que nos rodeia, o que pretendo é sobretudo alertar aqueles que comigo foram eleitos, bem como todos os outros irmãos para a realidade e a necessidade de sermos activos, pois entendo que aquilo que nossos pais espirituais nos pedem é isso mesmo: *intervenção dinâmica*.

Esta *intervenção*, deseja-se que seja em toda a linha, ou seja, interventivos na sociedade em que nos encontramos inseridos, mas nunca e nunca mesmo descurando a Oração, que é no fundo a via para nos contactarmos com o nosso Deus.

Também Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz nunca abdicaram dessa mesma intervenção que era e é no fundo tão pertinente nos dias de hoje como o foi nos tempos em que eles empreenderam a transformação no Carmo.



Verão de 1939. João Paulo II quando era tropa. Pode ver-se o escapulário ao peito.

“No sinal do Escapulário evidencia-se uma síntese eficaz de espiritualidade mariana, que alimenta a devoção dos crentes, tornando-os sensíveis à presença amorosa da Virgem Mãe na sua vida. O Escapulário é essencialmente um «hábito». Quem o recebe é agregado ou associado num grau mais ou menos íntimo à Ordem do Carmelo, dedicado ao serviço de Nossa Senhora para o bem de toda a Igreja. ... Por conseguinte, quem veste o Escapulário é introduzido na terra do Carmelo, para que «coma os seus frutos e produtos» (cf. Jer 2, 7), e experimente a presença doce e materna de Maria, no empenho quotidiano de se revestir interiormente de Jesus Cristo e de o manifestar vivo em si para o bem da Igreja e de toda a humanidade”.

João Paulo II

sidade de criarmos um Secretariado Nacional o qual teria por missão orientar, definir e apresentar propostas válidas que poderiam ter dado outra dinâmica ao Carmelo Secular.

Mas o mundo não acabou e esse Secretariado pode muitíssimo bem ainda desempenhar o seu papel de aglutinador e dinamizador desta Ordem que tão necessitada está de sangue novo. Não porque os seus representantes não procurem desempenhar o seu papel de legítimos apóstolos do Senhor, não! O que de facto está em causa é que cada vez notamos haver menos vocações sacerdotais e sendo assim todos nós somos poucos para continuarmos a difusão deste jardim do Carmo, que em minha muito modesta opinião é de todos nós cristãos e carmelitas. Temos uma tarefa importante nesta Igreja que se quer *consciente, orante, interventiva e realizadora*.

Portanto meus irmãos, o que eu pretendo dizer-vos – como certamente já depreenderam – é que é importante, pertinente e necessário todo o vosso empenho, nesta Igreja que se quer activa, formadora e consciente. Em cada dia que passa cada vez se torna mais necessário novos cristãos, onde a espiritualidade *Teresiano/Sanjoanista* esteja bem presente pois ela tem nos nossos dias um lugar cada vez mais premente.

Manel Catarino

Tenham-se em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela [a Santíssima Virgem], aprovados, no decorrer dos séculos, pelo Magistério”

(Vaticano II).

VIII ENCONTRO DA ORDEM SECULAR DO CARMELO DESCALÇO

Quando nos dias 21 e 22 de Outubro de 1995, os representantes de todas as fraternidades da Ordem Secular dos carmelitas descalços ao tempo existentes, se reuniram pela primeira vez na cidade de Aveiro, julgo que não estava explícito na mente de ninguém que os encontros nacionais iriam adquirir um ritmo anual. Também nunca foi tomada qualquer deliberação vinculativa nesse sentido.

Impuseram-se de modo espontâneo como resposta a necessidade por todos sentida. No findar dos trabalhos de cada assembleia procurava-se agendas, ajustava-se calendários e escolhia-se o lugar mais acessível para congregar pessoas de todas as comunidades que, como é sabido, estão hoje implantadas de Viana do Castelo a Tavira, prolongando-se pela ilha da Madeira. Depois das reuniões de Aveiro e Coimbra elegeu-se Fátima, de modo consensual, por se reconhecer a sua centralidade geográfica. E a Fátima voltámos nos dias 5 e 6 de Maio deste ano de 2001 para o oitavo encontro.

É motivo para dizer que o Carmelo Secular português tem uma história ainda curta. A constatação é verdadeira se nos referirmos ao conjunto de comunidades com pequeno número de membros, como Santa Teresa de Jesus as pensou para as suas irmãs, a fim de poderem viver em espírito de família, dimensão em que tanto insistia. É de facto a este Carmelo que nos queremos reportar; aquele que procura a fidelidade ao espírito da fundadora da Ordem e simultaneamente ao sopro renovador do Concílio Vaticano II, explicitado pelas mais recentes orientações do Santo Padre sobre os movimentos laicais.

Tem uma história já longa e com um património espiritual e cultural muito rico, se olharmos para as Ordens Terceiras, nascidas no contexto da Igreja que o Concílio de Trento configurou. Naquelas que chegaram aos nossos dias, apercebemo-nos, no entanto, que o Espírito sopra e impulsiona muitos dos seus membros para aceitar o novo modelo de comunidade e os desafios que a Igreja lança sobre o compromisso dos leigos no mundo do nosso tempo.

Em Fátima juntaram-se fraternidades com esta dupla origem. Estiveram lá representantes de Aveiro, Braga, Coimbra, Fátima, Figueira da Foz, Funchal, Lisboa, Paços de Ferreira, Viana, e ainda pessoas que se encontram ligadas à Ordem a título individual. Foi uma congregação de 45 carmelitas seculares, a maior na sua his-

tória recente e talvez de sempre. É motivo para darmos graças a Deus por uma Ordem, nascida na Europa há 750 anos, dar sinais de tanta vitalidade.

O lema do encontro foi precisamente este: “750º Aniversário da entrega do Escapulário a S. Simão Stock”. Abriu os trabalhos o Padre Provincial, Pedro Ferreira, que fez um apelo à constância na oração; ao espírito de unidade, congregadora de esforços, dentro do respeito pela diversidade; e ao empenhamento pastoral. Alertou para o decréscimo do número de sacerdotes e religiosas na Europa, explicável por razões sociológicas, e mostrou-se convicto de que a renovação de toda a Ordem passará pelo ramo Secular, dado ser o que apresenta inequívocos sinais de expansão. Não avançou com propostas sobre o modo de participação dos leigos nas instâncias decisórias. Apenas afirmou que dentro de um ano se vai realizar um capítulo em que a Ordem Secular será objecto de reflexão por parte dos responsáveis.

Seguiu-se um comentário do Padre Brito às linhas de força da carta que o Santo Padre dirigiu aos Superiores Gerais do ramo Calçado (o antigo) e do Descalço (o reformado) sobre a Virgem Maria do Monte Carmelo, a propósito do acontecimento acima referido, que é considerado como que o momento fundador da Ordem no espaço europeu. Um exemplar do documento foi oferecido a to-

dos os presentes. Para título foi escolhida a seguinte frase destacada do texto: “O rico património mariano do Carmelo tornou-se no tempo um tesouro para toda a Igreja”. O aprofundamento do conteúdo trabalhou-o o Padre Jeremias com uma reflexão que teve como tema “O Carmelo é totalmente mariano”. Foi um fim de tarde em que todos se sentiram imbuídos de intensa espiritualidade mariana. O dia terminou com a Via Sacra aos Valinhos, depois do jantar.

Durante a manhã de Domingo cada fraternidade deu conta dos aspectos mais relevantes da sua vida, bem como dos projectos e expectativas sobre o movimento. Certamente que os que estiveram presentes já transmitiram aos irmãos o que se passou, pelo que se torna desnecessário aqui enumerar. Dos trabalhos passou-se à celebração da Eucaristia na qual fizeram a promessa, pela primeira vez, dois membros da fraternidade de Lisboa, e renovaram, pela terceira vez, quatro elementos da mesma. As despedidas fizeram-se em ritmo apressado visto estar-se em “Dia da Mãe”, e muitos, de terras distantes, queriam ir estar com as suas mães, nem que fosse só ao jantar.

Carlos Margaça Veiga



Boletim informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Padres Carmelitas Descalços * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Angola, 6 * 2780-564 Paço de Arcos * Tel. 21 443 37 06 – Fax 21 443 87 79 – E-mail: ocdpacodearcos@mail.telepac.pt